

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



QUANDO O CORPO DESOBEDECE, OU, O QUE UM OLHAR CONSEGUE SUSTENTAR

João Franco do Nascimento Neto

Leticia Aline Back

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 02 – Diversidade, inclusão, interseccionalidades e Educação

A proposta deste trabalho constitui-se num exercício teórico-metodológico, atravessado pelo processo de formação de um estudante de psicologia em seus diferentes espaços: os estágios extracurriculares, estágios curriculares, a sala de aula, as relações com professoras e colegas. Sendo assim, tratar-se-á de um exercício narrativo e inventivo. Um tanto de história, considerando que sempre que contamos algo, compomos com um pouco de nós e do mundo. Deste ponto de vista, não se trata de uma postura de neutralidade, mas de um exercício ficcional comprometido eticamente. A partir da narração, o objetivo deste texto será discutir a escola como um espaço possível para vivências não-normativas, a partir das experiências e da revisão teórica. Contudo, falar sobre elas exige, antes, problematizar a cisheteronormatividade. É a partir da suspensão da suposta naturalidade da norma que se torna possível abrir o campo de inteligibilidade para corpos e vivências dissidentes, como as histórias abaixo, que nos ajudarão a abrir esta discussão.

Entro na sala, me apresento para a turma. São meus primeiros dias nesse espaço. Penso que acompanhar as turmas no andamento de suas aulas pode me mostrar algumas pistas do funcionamento da organização. Após uma rodada de apresentações, sento nas classes, junto aos alunos/as. Pouco antes da aula finalizar, uma aluna — Stefani — se aproxima devagar, segura a mochila contra o peito. Antes mesmo que eu possa lhe dizer oi, ela diz, rindo de leve: “Achei que a diretora tinha pedido pra você conversar comigo porque eu tô namorando a Rita.”

A frase atravessa o ar com uma naturalidade desconcertante. Rimos juntos. Ela não parece envergonhada, tampouco provocativa. Apenas diz, como quem constata o que já se espera da escola: que o amor, quando foge à norma, vira assunto de psicólogo. Fico em silêncio por alguns segundos, tentando sustentar aquele instante sem explicá-lo demais.

Penso que talvez o acolhimento começa aí, no reconhecimento do gesto, na escuta de um riso que também é defesa, e na percepção de que, antes mesmo de falar de si, ela já sabe o que esperam que ela seja. Sustentei esse espaço de acolhimento, ressaltando que não havia recebido tal encomenda, mas que eu poderia lhe escutar caso ela considerasse necessário.

O encontro com essa aluna expõe a maneira como instituições escolares atuam no controle dos

corpos e dos afetos, especialmente quando se tratam de sexualidades dissidentes. A expectativa de que o namoro com alguém do mesmo sexo se torne pauta de intervenção já revela o quanto produz-se a norma nas práticas institucionais. Mas tem algo que escapa: o riso, a fala que se antecipa, o corpo que irrompe a norma com ironia; é uma forma de sustentar a existência, mesmo que ela não encontre ressonância nos espaços em que tenta se espelhar.

Como agora bateu o sinal, vou me direcionar para o pátio. Hoje é dia de gincana, e estou ansioso para acompanhar as apresentações artísticas dos/das estudantes. Ao final das performances, vou até a recepção. Fico atento aos movimentos; há uma estudante que chega tímida, com receio. Olhos baixos. Ao preencher sua ficha para atendimento, pergunto: como você quer que eu te chame? Um olhar se levanta, gentil e sorridente: “*Laura*”.

Começamos retornando a nossa última conversa, de quando se emociona diante da minha pergunta sobre com qual pronome gostaria que lhe tratasse. Em seguida, falamos um pouco sobre a escola. Ela contou que no ano passado acabou se afastando, precisava de um tempo para si, que nomeou como autodescoberta. Comentei que devia ter sido difícil, já que em casa as coisas também não pareciam fáceis.

Ela olha para baixo, levanta os olhos e responde: “*É... tive que escolher entre dois lugares onde eu não me sentia bem...*”. Ficou um silêncio curto, desses que dizem muito. Depois, completou: “*Mas agora tá diferente.*” Perguntei o que tinha mudado. Afirma: “*Meus amigos! Eles me entendem, me deixam ser quem eu sou.*”

A violência de ter de escolher entre dois lugares onde eu não me sentia bem, relatada na segunda vinheta, ecoa o peso de uma sociedade regida por uma norma invisível. Enquanto corpos trans são constantemente questionados e deslegitimados, corpos cis raramente precisam se explicar. A cisgeneridade opera como norma silenciosa, produzindo coerência entre corpo, gênero e desejo como se fosse algo dado, e não construído.

Gêneros inteligíveis, de acordo com Butler (2018, p. 34-35) são aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Essa coerência e continuidade só se concretizam se forem estabelecidas em relação a normas já existentes. A cisgeneridade diz respeito a uma categoria que se refere às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Kaas (2012) expande essa compreensão argumentando que uma pessoa cis é aquela na qual o sexo que lhe foi designado no nascimento está alinhado ao sentimento subjetivo de sexo e gênero. A autora também aponta que, do ponto de vista político, indivíduos cisgênero ocupam uma posição privilegiada na cisnormatividade, por estarem em conformidade com os padrões esperados entre corpo e identidade de gênero, contrastando com a realidade vivida por pessoas trans.

“Não sei se poderia fornecer-lhes dados que vocês, acadêmicos e psicanalistas, não conheciam em primeira mão” afirma Preciado (2021, p. 280), ao discursar para a sociedade psicanalítica, em uma conferência intitulada Eu sou o monstro que vos fala. Nesse trecho, ele ironiza a pretensão de um saber que tem a diferença sexual como raiz epistêmica. É como se dissesse: “Vocês só me reconhecem se eu couber nos seus moldes, os conhecimentos a respeito da minha existência

foram constituídos para mim, não comigo. Para vocês, eu só existo enquanto objeto de estudo, e preferencialmente, de patologização".

Essas reflexões ganham forma no cotidiano dos espaços escolares, compreendendo que o corpo, mais do que um objeto de saber, é um campo de atravessamentos. As vinhetas narradas — como a de Stefani e Laura — são expressões vivas de como a norma se reproduz nas relações cotidianas e de como, ainda assim, os sujeitos encontram brechas para se fazer existir. O pedido de um nome, o silêncio que antecede a escolha dos pronomes, o choro que escapa, um riso que é defesa. Tudo isso são gestos políticos, pequenas insurgências que revelam o peso e a potência de habitar um corpo dissidente em meio à escola.

Quando Laura enuncia a violência de ter que escolher entre “dois lugares onde eu não me sentia bem”, a frase ecoa como síntese de um dilema contemporâneo, vivido coletivamente por indivíduos LGBTQIAP+. Remonta a uma cisnorma que molda não apenas os corpos, mas também os afetos, as possibilidades de pertencimento e de reconhecimento. Fala de um paradigma que se coloca desde as relações familiares, fazendo que em sua casa, desde cedo, se reproduza um discurso de exclusão. E fala também de uma escola que ainda opera como dispositivo de normalização.

Mas há algo que insiste. A presença de corpos dissidentes, suas narrativas e lágrimas, convocam a um Outro olhar. O acolhimento, especialmente no âmbito dos estágios na educação, não é somente uma técnica de manejo emocional, mas também um gesto ético, que carrega uma postura política, que possibilita reconhecer a existência do outro fora da norma. É nesse gesto, de uma postura ético-inventiva que se pode produzir um espaço de criação.

Somos convocados a pensar nas outras relações (para além da ensino-aprendizagem) que se interpõe no território escolar. Louro (2019, p. 22) aponta algumas pistas para pensar a escola de outro modo:

Por isso, possivelmente, as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se refletem nos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado mas sim se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual em uma instituição escolar enquanto para além de uma instituição de ensino.

Nesse sentido, a escola, então, deixa de ser apenas instituição de ensino e torna-se território de escuta, invenção, controle, acolhimento e in/exclusão. Cada encontro tensiona as fronteiras do possível e do dizível. Entre as paredes da sala, entre a burocracia das fichas e as palavras cuidadosamente escolhidas, algo se move: o corpo se torna linguagem, e o acolhimento, uma forma de resistência.

As experiências relatadas, as risadas e silêncios que encontrei no campo, recolocam a pergunta: o que, afinal, a escola faz com os corpos — e o que os corpos fazem com a escola? Pensar o corpo como campo de disputa simbólica, nesse sentido, é também pensar a educação como espaço

de produção de mundos e sujeitos. É essencial que possamos tensionar movimentos reflexivos dentro das organizações escolares.

Não com a finalidade de propor espaços de formação, mas espaços de deformação. Pensar a educação apenas como espaço de formação é permanecer dentro de uma lógica que busca moldar corpos, normalizar condutas e estabilizar identidades. Formar, nesse sentido, é verbo, carrega o peso da forma: do que é esperado, do que se ajusta, do que cabe. No entanto, talvez o convite seja outro. Deformar, aqui, não significa destruir, mas abrir espaço e reconhecer aquilo que escapa. É permitir que as margens se movam, que novas linhas sejam traçadas, que corpos encontrem outros modos de habitar a escola e o mundo. É o gesto ético de acompanhar o processo de criação de si, sem a pretensão de conduzi-lo.

Talvez seja disso que se trata o trabalho ético na escola: não formar para o mundo, mas deformar o mundo em nós. Deixar que o contato com o outro reorganize o que entendemos por normal, possível ou humano. A cada gesto de escuta, a cada reconhecimento, abre-se uma brecha no “cis-tema” que organiza os modos de viver. Se o hegemônico está na norma, o acolhimento é resistência, um gesto que desloca, fazendo do encontro um ato de desobediência ao olhar que insiste em normatizar.

Assim, escola, corpos, psicologia e o processo de deformação se tocam: todos atravessados por regimes de verdade, mas também por possibilidades de invenção. É no entre — entre o nome e o corpo, entre o silêncio e a palavra — que a subjetividade se refaz. Talvez seja disso que se trata o trabalho ético na escola: sustentar, mesmo diante das inúmeras disputas, o espaço onde os corpos possam, enfim, existir sem precisar se explicar.

Talvez seja isso que essas vivências me ensinam: que existir é um gesto compartilhado, que a escuta se faz quando o olhar não busca corrigir, mas andar junto. Esse olhar, quando ético, não captura; ele reconhece e sustenta. É nele que o corpo deixa de ser objeto de norma e passa a ser linguagem de vida. Como escreve Ana Suy (2019, p. 26) “Eu só existo no seu olhar. Então, por favor, pare de piscar”.

Que a escola, e nós com ela, não pisquemos diante do que nos atravessa, que o olhar se mantenha aberto, mesmo quando o encontro nos desestabiliza. Em espaços que ainda apagam corpos dissidentes, manter os olhos abertos é imperativo político. A escola, quando se deixa afetar, pode ser esse lugar que aprende a ver e, ao ver, reconhece.

PALAVRAS-CHAVE: educação; corpo; cisheteronormatividade

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

KAAS, Hailey. “O que é cissexismo?”. **Transfeminismo**, 2012. Disponível em: <https://transfeminismo.org/o-que-e-cissexismo/>. Acesso em: 02 mai. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. Tradução de Sara Wagner York. **Revista PET Filosofia**, Curitiba, n. 17, p. 119–133, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/88248>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SUY, Ana. **As cabanas que o amor faz em nós**. São Paulo: Patuá, 2019. ISBN 978-85-8297-845-0.